

Li outro dia este *bout de phrase*: «...a personalidade lírica e trágica de António Hoto». Lírica está bem; mas trágica? Não será aliterar demasiado as coisas? A verdade é que não se topa tragédia, interior nem exterior, na personalidade do poeta das *Canções*. Ele vive refestelado no seu vício como um bom burguês nas suas convicções ou no seu *maple*. Os amuos, as reconciliações e os despeitos de que se dá conta nas *Canções* e no *Ciúme* valem, intrinsicamente, os mesmos temas glosados até o infinito por diversas poetisas, com a diferença que nestas são muito mais naturais. Não chegam para fazer, ou presuapor, uma tragédia.

crime de Fanhões, porque não publicam tão frequentemente em livro o fruto das suas deduições detectivescas. Mas...

...Recentemente inaugurou-se um novo género: o *bout de phrase*. Um escritor respeitado, consagrado estilista, o lançou. Nas suas frases, maravilhosamente escritas, parece conter-se uma admiração narcisista, como se da simples exposição delas, tão vagas de finalidade, se desprendesse este discurso: «Estamos aqui porque somos belas! Admirem-nos, sorvam o encanto que distilamos!» Certo, não são vazias de sentido as frases (não posso chamar-lhes máximas, nem outra coisa senão frases, que nem sempre o são completamente) do escritor ilustre. Enquadradas condignamente, antecedidas por palavras as reticências que muitas vezes as precedem, coordenadas numa ordem que as justificasse, teriam, sem dúvida, outra missão a cumprir além da da sua efémera beleza.

Esse escritor começa a ter seguidores. Acautelem-se!

Como são curtos e efémeros os nossos juízos críticos (os nossos e os dos outros)!

Saiu há pouco tempo um romance que teve, de modo geral, bom acolhimento da crítica. Só um jornal diário (que eu saiba) destoou. E destoou num ponto em que não tinha razão. (Oh! a efemeridade do nosso conceito de razão!) Acusava-o de conter cenas felas, e perante algumas audácias modernas e antigas, a gente sorria e perguntava-se o que é que o jornalista tem lido. Um crítico sabedor, então director dum semanário cultural, numa apreciação entusiástica ao dito livro, verbera o cronista do jornal diário e proclama que no livro era tudo belo.

Pois bem. Lido éle, encontra-se (encontrei eu, com a minha curteza de vistas e a falibilidade dos meus juízos): um estilo de lirismo antiquado, sem alcance nem verdade, nem uma transfiguração inteligente da verdade; personagens falsos, desde as linhas psicológicas, traçadas sem firmeza, até os actos, contraditórios, dramalhonescos, sem significação, sem lógica, e também sem o illogismo que caracteriza os actos do, ho-

mens; uma visão passadista dos acontecimentos, uma ética estreita e desactualizada a julgá-los, a determinar o movimento destrambelhado dos personagens; o desconhecimento dos ambientes que se pretende descrever; completa falta de vibração, de humanidade e de arte, na descrição de cenas que querem ser patéticas.

Foi a isto que alguns críticos acharam beleza, fora um que achou fealdade, e eu (que não sou crítico) nem uma coisa nem outra, antes pelo contrário.

Oh! a curteza e a efemeridade dos juízos críticos!

O adjectivo «divino» estava um tanto ou quanto desactualizado. Adoptou-o recentemente, para seu uso pessoal, o poeta sr. Teixeira de Pascoais, fundamentado numa frase, que não se sabe se é uma *blague*, de Ramón del Valle Inclán. Parece, depois disso, que semelhante adjectivo tende a pegar. A propósito da inquietação eterna do homem fala-se na parte *divina* do homem. Não será deficiência de expressão?

Uma coisa é o escritor, outra a obra escrita (isto já disse Raúl Proença, referido à filosofia e ao filósofo). Mas os mais avisados críticos esquecem-se às vezes de fazer a conveniente distinção. Acusou-se há pouco António Bôto de prostituir os seus dons. Usar-se-ia a mesma linguagem, em identidade de circunstâncias, para qualquer outro escritor de vida íntegra (o sr. Teixeira de Pascoais, por exemplo)?

O êxito de «Recompensa» trouxe-nos duas revelações: em matéria de renovação social é preciso pouco, mesmo muito pouco, para que o público se sinta entusiasmado (em teatro, bem entendido); em matéria de renovação teatral não é preciso então absolutamente nada. Acho mesmo antagónicos, em relação ao público, os termos «renovação» e «entusiasmo».

Depois, um vivório no final é sempre coisa de efeito.

A revista *Pensamento* editou *Uma «grande» Aventura*, novela de Vitor Santos—menos de duas dezenas de páginas que se lêem sem cansaço, precisamente por não serem mais.

Recebemos, por oferta amável do autor, o livro «Um Ano Trágico—Lisboa em 1836», impressões, comentários e documentos por Luís Varela Aldeiro.

Neste magnífico trabalho, escrito a-propósito do Centenário da Academia de Belas Artes cuja edição foi subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura, evoca-se a vida lisboeta em 1836: «êsse ano agitado e romântico, que, entre lutas fratricidas de um povo retalhado por ódios políticos, exausto de esperar as venturas de uma liberdade prometida, soube criar à margem dos acontecimentos, uma Academia que reconciliasse pela arte energias espirituais dispersas e ignoradas».

Em breve nos referiremos mais detalhadamente a esta obra.

A «Gazeta de Coimbra» passou a inserir periodicamente (ignoramos a periodicidade) 4 *Páginas Literárias* a cargo de Campos de Figueiredo. No primeiro número, único recebido, nota-se um certo espírito combativo na secção *Porta Férrea*, assim como equilíbrio e sentido de justiça na secção de crítica literária.

Páginas Literárias, que se destinam a revelar o valor da juventude coimbrã, insere, além de poesia e de um capítulo de um livro de Fernando Namora, uma carta inédita de João de Deus sem nenhum interesse ou valor, quer histórico quer literário.

intercâmbio cultural

Pensamento—revista mensal de divulgação social e científica, arte e literatura, Pôrto. N.º 97; Abril de 1938.

Lácio—panfleto de arte, volume 2; Março de 1938; Lisboa.

Diabo—semanário de literatura e crítica—Lisboa. N.os 184, 185.

Vida de Hoy—revista mensal—ano II—N.º 18—1938, Buenos Aires—Argentina.